



**ALGUMA POESIA, DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE:
COMENTÁRIOS GERAIS**

Por José Neres

© *Copyright: José Neres*

Este material não tem finalidade lucrativa e pode ser reproduzido por qualquer meio físico e/ou eletrônico, desde que seja resguardada a autoria e que a fonte seja citada.

O conteúdo deste material não poderá, em hipótese alguma ser comercializado, tendo sua utilização permitida apenas para fins educacionais

Digitação, diagramação e revisão

José Neres

e-mail: joseneres@joseneres.com

Site de hospedagem

www.joseneres.com

Neres, José (1970)

Alguma poesia, de Carlos Drummond de Andrade: comentários gerais. São Luís: José Neres, 2014. 18p.

PALAVRAS INICIAIS

Durante quase duas décadas trabalhei em cursos preparatórios para vestibulares. Portanto conheço de perto a angústia de alunos que têm dificuldade de assimilar as ideias gerais dos livros indicados como leitura obrigatória.

Vivemos em um país em que a leitura não é valorizada e no qual o educando, às vezes, chega às universidades sem ao menos ter lido um livro completo. Ao se aproximar a hora do vestibular, desesperados, alguns vestibulandos vasculham a internet em busca de resumos que substituam a leitura do livro, pensando que assim ganham tempo e ao mesmo tempo se preparam para a prova.

Advirto que nas páginas seguintes não temos resumo da obra, mas sim alguns comentários que ajudarão na leitura integral do livro. Também não irei colocar neste e nos outros trabalhos congêneres dados que podem ser facilmente encontrados, como, por exemplo, local e data de nascimento/morte do autor,

www.joseneres.com

relação de suas obras, características básicas... tudo isso pode ser encontrado em uma simples pesquisa em livros, sites ou revistas. O interesse é dar uma visão geral e jamais dirigir a leitura do vestibulando.

Dependendo do interesse de nossos leitores, disponibilizaremos em breve, estudos sobre as demais obras indicadas pela Uema e, no final, um caderno especial com algumas questões sobre os livros.

Desejamos uma boa leitura e não se esqueça de ler, na íntegra, os livros indicados para o vestibular.

**ALGUMA POESIA, DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE:
COMENTÁRIOS GERAIS¹**

José Neres²

INTRODUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade é considerado pela crítica como o mais importante poeta brasileiro do século XX. Escritor de múltiplas facetas, enveredou pelos caminhos mais diversos: poemas, contos, crônicas, traduções e ensaios, chegando sempre ao mesmo destino: o reconhecimento de sua obra.

¹ Este estudo, com algumas modificações, foi publicado em um livro organizado por mim e pelo professor Dino Cavalcante, em 2002. Ref.: NERES, José. E no meio do caminho... um poeta de sete faces. In: Cavalcante, Dino, NERES, José. *O Discurso e as Ideias*. São Luís, Lithograf, 2002. p. 65-72.

² José Neres. Professor de língua e literatura. Graduado em Letras Português/Espanhol (UFMA), especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG), Mestre em Educação (UCB). Autor de diversos livros e artigos sobre Literatura e Educação.

O ano de 2002 marcou o centenário natalício do poeta itabirano que espantou os leitores com poemas como *No meio do Caminho* e *Quadrilha*, mas que também os encantou com *Mãos Dadas*, *A Morte do Leiteiro*, *Sentimento do Mundo* e *Congresso Internacional do Medo*. Muitas foram as comemorações pela passagem da importante data (em 31 de outubro de 2002). Livros foram (re)lançados, estudos teóricos foram publicados, exposições sobre a vida e a obra do autor foram organizadas e, principalmente, sua produção literária passou a ser revisitada com olhares mais críticos e mais lúcidos.

Neste breve (para não dizer brevíssimo) estudo, abordaremos um pouco das temáticas apresentadas por Drummond em seu livro de estreia *Alguma Poesia*, publicado em 1930. Não se trata de um trabalho aprofundado, mas de apenas “pinceladas” em uma poética que, por mais que se pesquise, ainda está bem longe de um ponto limítrofe no que diz respeito às várias possibilidades de interpretação.

UMA ESTREIA VITORIOSA

O professor Alfredo Bosi (1997, p. 493) reconhece em Carlos Drummond de Andrade “o primeiro grande poeta que se firmou depois das estreias modernistas”. E admite também que, desde o primeiro livro publicado, o escritor mineiro “se firmou como poeta congenialmente moderno” (BOSI, 1997, p. 498). Massaud Moisés (1997, p. 353) vê no livro dois momentos distintos:

De um lado o inconformismo, a rebeldia indignada contra um estado de coisa, mostrando um poeta independente, senhor de um definido projeto literário. A outra face consistia na aceitação consciente dos tiques modernistas, baseados na irreverência e a na jocosidade satírica ou humorística.

Tal humor também é comentado por Manuel Bandeira (s/d, p. 144) em seu livro *Apresentação da Poesia Brasileira*, em que cita uma frase do próprio Drummond, que diz que “Alguma Poesia traduz uma

grande inexperiência do sofrimento e uma deleitação ingênua com o próprio indivíduo”.

Temos em *Alguma Poesia* apenas 49 poemas. É um volume relativamente pequeno. Mas, ao contrário do que costuma acontecer nos livros de estreia dos grandes vultos da literatura, o livro já traz uma gama de textos que irão perpetuar-se no gosto popular e na crítica especializada. Abrindo o volume, temos o *Poema de Sete Faces*, em que o poeta faz uma espécie de autorretrato poético-simbólico composto por sete estrofes, cada uma apresentando uma faceta do “homem por trás dos óculos e do bigode” (ANDRADE, 2001, p. 15). É nesse poema que CDA mostra um pouco da essência de seu estilo. As temáticas desenvolvidas irão acompanhá-lo por todo longo período de criação artística.

A busca de soluções para os problemas da vida, uma das principais características do estro drummondiano, começa a desnudar-se na sexta estrofe do poema:

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria solução.
Mundo mundo vasto mundo
Mais vasto é meu coração.

É também em seu primeiro livro que Drummond coloca alguns de seus mais polêmicos poemas. Entre eles, temos *No Meio do Caminho*, um poema aparentemente inspirado nos primeiros versos da *Divina Comédia*, e que ainda suscita as mais variadas interpretações. Para uns se trata de uma obra de gênio; outros, no entanto, leem o texto apenas como um capricho literário sem maiores consequências semânticas. No entanto, é quase impossível ficar indiferente aos versos circulares do poema.

Francisco Achcar (2000, p. 17) comenta que esse poema:

Provocou interpretações variadas: geralmente, entendeu-se pedra como símbolo do obstáculo e do cansaço existencial (Mário de Andrade, Álvaro Lins, Antonio Candido), mas o poema também foi lido como expressão da poética das primeiras obras de Drummond, uma poética para a qual “a poesia surge quando o universo se torna insólito, enigmático, embaraçoso – quando a vida já não é mais evidente

De qualquer forma, é importante notar que em *No Meio do Caminho*, os fonemas oclusivos (principalmente /p/ e /b/) se interpõem como obstáculos constantes ao encontro dos caminhos, como se a sequência caminho... caminho fosse constantemente interrompida por obstáculos.

A escolha do verbo *TER* no lugar do *HAVER* serve como mais um obstáculo tanto para leitura como para a imagística suscitada pelo texto. Note-se que se fosse “No meio do caminho havia uma pedra”, o fonema /v/ tornaria a noção de caminho como algo mais ameno e tranquilo, o que não ocorre no texto original, em que o

www.joseneres.com

tinha também funciona como entrave ao andamento da leitura.

No meio do **caminho** tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do **caminho**
tinha uma pedra
no meio do **caminho** tinha uma pedra.

Infância, um poema memorialístico que irá compor um conjunto com *Família*, *Cidadezinha Qualquer*, *Iniciação Amorosa*, *Festa no Brejo* e tantos outros, uma espécie de mitologia drummondiana, em que Itabira do Mato Dentro é o *locus* poético e as passagens da infância são ressuscitadas a partir de recordações de um eu lírico que encontra na memória a única forma de reviver alguns momentos capitais de sua vida. Essa temática, que será retomada mais fortemente em *Boitempo I e II*, trazem algumas marcas que, em um estudo mais aprofundado, interessaria diretamente à Psicanálise: a eterna ausência do pai, sempre viajando ou saindo de casa; o apego à mãe e o constante retorno ao local de origem lembram as teorias freudianas, sem

www.joseneres.com

deixarem de lado o indelével grau de ironia e de humor, que perpassa todo o livro, como, por exemplo, nos versos a seguir:

FESTA NO BREJO

A Saparia desesperada
coaxa coxa coxa
o brejo vibra que nem caixa
de guerra. Os sapos estão danados.

A lua gorda apareceu
e clareou o brejo todo.
Até à lua sobe o coro
da saparia desesperada.

A saparia toda de Minas
coaxa no brejo humilde.
Hoje tem festa no brejo.

CRÍTICA SOCIAL E METALINGUAGEM

Drummond é um poeta de seu tempo. Todos os seus poemas representam as angústias dos homens de uma época, mas isso não faz dele um escritor datado, delimitado pelo contexto histórico vivenciado e literariamente reproduzido em suas obras. Muito pelo contrário! Mesmo sendo um escritor que se preocupava em cantar passagens dos acontecimentos que passavam diante de seus olhos, Carlos Drummond de Andrade fez uma poesia atemporal e tematicamente universal, uma vez que quase tudo o que ele reproduziu de forma poética não é exclusividade de uma pessoa, mas sim de toda a humanidade.

Cada verso seu retrata um pouco do que o próprio Homem sente através das constantes rupturas com o passado. Em *O Sobrevivente*, o poeta admite que o momento não é propício para a poesia, mas mesmo assim ela teima em aparecer. É o que mais preocupa é que:

Os homens não melhoraram
e matam-se como percevejos.

Os percevejos heroicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

Depois de filosofar acerca da impossibilidade de escrever um poema em circunstâncias tão desfavoráveis, o poeta (de forma irônica) percebe que acabara de escrever um poema.

Os problemas políticos e sociais de sua época não passam despercebidos. Em *Outubro de 1930*, a Revolução é pintada em cores fortes e a energia daquele inunda os versos:

(...) O radiotelegrafista ora triste ora alegre empunhava um papel que era a vitória ou a derrota. Nós descansávamos, jogados sobre poltronas, e abríamos para as notícias os olhos que não viam, olhos que perguntavam. Às 3 da madrugada, pontualmente, recomeçava o tiroteio.

O funcionário deitado
não pensa na morte.
Pensa no amor
tornado impossível
no minuto guerreiro.
E fecha os olhos
para ver bem
o amor com sua espada
de fogo sobre a cabeça
de todos os homens,
legalistas, rebeldes.

As dificuldades de expor as ideias e a ingloria luta com a palavra são temas recorrentes nos poemas de Drummond, tanto em seu primeiro livro, como nos posteriores. Todavia, contrariado o que acaba de declarar, o poeta tira da aparente falta de ideia/imaginação a matéria-prima para seus versos. É o que acontece, por exemplo, em *Poesia*:

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá
dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

BREVE CONCLUSÃO

Indicado pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – como leitura obrigatória para seu vestibular, o poeta gaúcho volta a ter seu livro de estreia lido pela juventude. Mas ele nunca deixou de ser destaque na mídia, nas bibliotecas e nas editoras, que constantemente publicam não só seus livros originais como também antologias organizadas por renomados pesquisadores.

A poesia de Drummond apresenta muito mais que sete faces, é uma obra totalmente multifacetada e polifônica. Cada verso seu pode ser repensado e aplicado à atualidade. O constante interesse na obra do poeta mineiro é um aprova irrefutável de que seus pensamentos, assim como sua poesia, continuam vivos, lúcidos e atuais.

Hoje, em pleno século XXI, com toda a tecnologia que nos rodeia e nos aprisiona, serve ainda como indagação o mesmo questionamento irônico que o poeta fez há cerca de oito décadas:

Stop.
a vida parou
ou foi o automóvel.

A resposta, nem mesmo o tempo, o maior dos críticos, e pai de todas a verdades e de todas as mentiras nos dirá. Mas o poeta, com suas metáforas e alegorias, sobreviverá às perguntas e às dúvidas deste mundo conflituoso em que estamos mergulhados.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Literatura Comentada*. [Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico por Rita de Cassia Barbosa] 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira – Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

www.joseneres.com

Acesse

www.joseneres.com

ou

www.joseneres.blogspot.com.br